

OS GRUPOS COMUNITÁRIOS DE SAÚDE MENTAL: UMA PERSPECTIVA EDUCATIVA

Giovanna Pereira Ottoni

Universidade Federal de Minas Gerais – ottoni.gio@gmail.com

Raquel Martins de Assis

Universidade Federal de Minas Gerais – rmassis.ufmg@gmail.com

RESUMO

Ressalta-se atualmente o contexto desafiador da Educação no Brasil e no mundo, marcado pelo aumento de quadros graves de sofrimento psíquico, concomitante às mudanças de uma rotina predominantemente ditada pela tecnologia. Levando em consideração esse cenário acelerado pelo impacto da Covid-19, o presente trabalho teve como objetivo discutir e propor o método dos Grupos Comunitários de Saúde Mental (GCSM) como ferramenta de cuidado correspondente ao âmbito educacional e aos desafios identificados na realidade da juventude hodierna. O GCSM nasceu há 24 anos no Hospital Dia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) e vem sendo alvo de pesquisas contínuas. Para coleta de dados partiu-se do delineamento de 3 perguntas norteadoras-chave e realização de entrevistas semiestruturadas com 3 participantes e 1 coordenador/fundador do Grupo. Selecionaram-se entrevistados que compunham um público mais jovem ou que frequentava o GCSM desde a juventude. As análises permitiram compreender, identificar e descrever 4 categorias/unidades de sentido: 1. *Escola do viver*; 2. *Entender a vida acontecendo*; 3. *Andar com a lupa em busca do inédito*; 4. *Choque de cultura, um choque térmico*. Espera-se que, partindo da compreensão, descrição e discussão aprofundadas dos elementos de natureza educativa presentes nos GCSM, sejam vislumbradas novas estratégias educativas para o enfrentamento dos desafios apontados na literatura recente: solidão e isolamento, ansiedade, depressão, suicídio, automutilação.

Palavras-chave: Grupo Comunitário de Saúde Mental. Educação. Experiência comunitária. Formação da pessoa. Juventude.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal discutir e propor o método dos Grupos Comunitários de Saúde Mental (GCSM) como ferramenta educativa de cuidado consoante aos desafios vivenciados pelos jovens na contemporaneidade. Tal método nasceu há 24 anos na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) e vem sendo alvo de estudos contínuos no campo acadêmico.

Um dado que salta aos olhos e se destaca nos dias de hoje é a possibilidade de os jovens viverem rodeados de amigos virtuais e continuarem na maioria das vezes sozinhos, sem encontrar companhia para enfrentar os problemas reais, os conflitos, os medos, as adversidades próprias da vida humana, tarefa que tende a ser atribuída quase exclusivamente aos profissionais do “universo psi”. Em canais de notícias e mesmo nas mídias sociais emergem frequentemente relatos sobre a necessidade de terapia psicológica e de intervenções psiquiátricas nessa população, muitas vezes contribuindo com uma tendência de se crer serem essas as únicas alternativas de ajuda frente aos quadros de ansiedade, depressão, cutting, ideação e tentativas de suicídio que enfrentam (VALVERDE *et al.*, 2012; SILVA; BOTTI, 2017; AKCA; YUCUN; AYDIN, 2018).

O filósofo coreano Byung-Chul Han (2017a, p. 10) aborda o século XXI caracterizado “pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza”. Han reforça o quanto “o mundo digital é pobre em alteridade e em sua resistência. Nos círculos virtuais, o eu pode mover-se praticamente desprovido do ‘princípio de realidade’, que seria um princípio do outro e da resistência” (HAN, 2017a, p. 91).

Desafios atuais na Educação

Adentrando o campo propriamente da Educação, tais direções apontadas podem ser encontradas de diferentes formas na Base Nacional Comum Curricular:

Quando a BNCC insere o autoconhecimento e o autocuidado como competências a serem trabalhadas com os jovens, há um claro sinal sobre o quanto a consciência de si impacta na formação, no aprendizado e na condição cidadã. A escola, portanto, é chamada ao seu papel de oportunizar ao estudante se conhecer como sujeito, com emoções, sentimentos, diverso nos modos de ser (SEVERIANO *et al.*, 2020, p.10)

A insistência de se trabalhar projetos de vida na escola, por exemplo, também está ancorada no mal-estar referido, quando Severiano *et al.* (2020) cita William Damon, psicólogo e professor da Universidade de Stanford, que em um de seus principais livros “O que o jovem quer da vida?” aponta os problemas da juventude: uma sensação de apatia, a falta de sentido e a ansiedade.

Aborda-se claramente uma proposta de “superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida” (BRASIL, 2018, p.15). Mais adiante enfatizar-se-á a necessidade de “formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis” sendo tarefa das escolas de Ensino Médio “proporcionar experiências e processos

que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas” (BRASIL, 2018, p. 463).

Os Grupos Comunitários de Saúde Mental

Os GCSM acontecem desde 1997 na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. O início desta proposta em Saúde Mental esteve atrelado aos trabalhos do Hospital-Dia no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Foi originalmente inspirado nos grupos operativos de Pichon-Rivière (1907-1977) e desde seu início o saber próprio da “experiência” dos participantes era valorizado, favorecendo a interação com a realidade e com a própria subjetividade.

Nesse processo de estudos científicos, ao longo dos anos estabeleceu-se uma fundamentação e um diálogo com a fenomenologia de Husserl e Stein, permitindo seu aprofundamento e embasamento teórico. Destaca-se antes de tudo a “conceituação desses autores quanto à estrutura do ser humano; à dimensão do encontro humano; à empatia; e à dimensão comunitária, compreensões fundamentais para a proposta de trabalho do GCSM” (CARDOSO, 2012; CARDOSO & ISHARA, 2013 apud. MINARÉ, 2021, p.12).

Em sua estrutura prática, o GCSM acontece semanalmente ou sistematicamente, possuindo os seguintes objetivos gerais: “(a) fomentar um exercício contínuo e pessoal de atenção e reflexão sobre a vida cotidiana, de forma a ser expresso no trabalho grupal, com vistas à promoção da saúde mental e do crescimento pessoal; (b) oferecer uma modalidade de cuidado à saúde mental com ênfase no acesso da comunidade e na atenção aos múltiplos favorecedores no processo de ajuda, e (c) desenvolver uma rede de pessoas articuladas em um movimento de atenção compartilhada no cuidado da saúde mental” (ROCHA; CARDOSO, 2017, p. 4).

Importante ressaltar que o método “encontra-se assentado em uma lógica de horizontalidade de relações, ou seja, todos os participantes são convidados a participar como protagonistas e construtores do trabalho, não havendo diferenciação de posições ou funções entre seus integrantes em relação à tarefa” (PINHEIRO; ISHARA; CARDOSO, 2019, p. 122).

METODOLOGIA

A presente investigação assume a mesma concepção teórico-metodológica dos GCSM, isto é, pauta-se nas contribuições da Fenomenologia clássica enquanto método rigoroso de

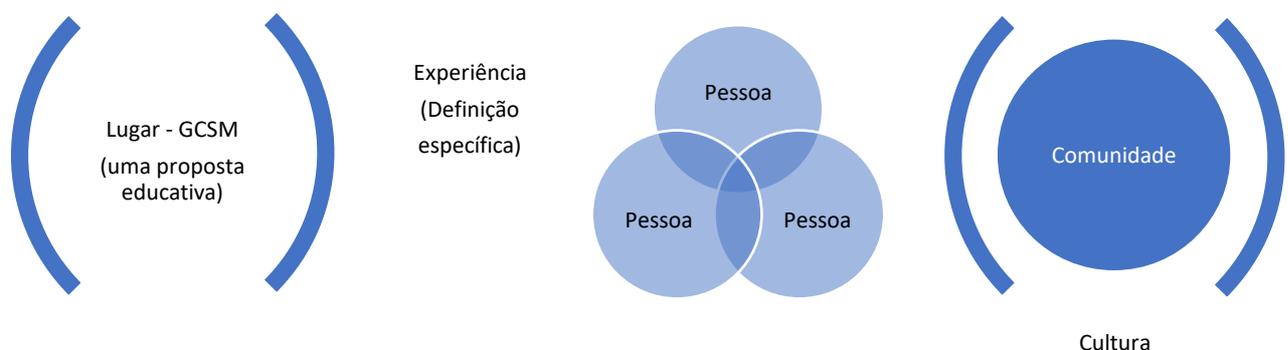
análise (ALES BELLO, 1998, 2000, 2009, 2015; STEIN, 1917/1998, 1932-33/2000; HUSSERL, 1913/2006, 1907/2008) que joga luzes sobre os fatores que compõe e definem o fenômeno estudado.

A coleta e a análise dos dados deram-se por meio do seguinte procedimento: Delineamento de 3 perguntas norteadoras-chave para realização de entrevistas semiestruturadas, em profundidade, com 3 participantes e 1 coordenador/fundador do GCSM. Selecionaram-se entrevistados que compunham um público mais jovem ou que frequenta o GCSM desde a juventude. As análises permitiram compreender, identificar e descrever aspectos de natureza educativa que se mostram presentes de forma essencial no fenômeno do GCSM. Foram feitas leitura e releitura dos dados buscando agrupá-los em categorias também chamadas de unidades de sentido (GIORGIO; SOUSA, 2010).

PRINCIPAIS RESULTADOS

Após a transcrição integral das entrevistas, o percurso de análise teve início com a chamada *redução eidética*, realizada pela abordagem fenomenológica através da leitura e releitura dos relatos. Ressalta-se que estas unidades são “constitutivas” dos relatos e “não apenas elementos isolados” (Holanda, 2003, p.51), sendo que o escopo final é alcançar com estas unidades a “estrutura geral do vivido” (Amatuzzi, 2003, p.25). Quando se refere à “estrutura geral”, denota-se haver uma constituição *genérica* que, embora vivida por cada sujeito na trama de uma historicidade e pessoalidade, mostra-se identificável como traço essencial presente em todos os casos – em maior ou menor intensidade.

O esquema abaixo visa ilustrar, embora simplificando, a estrutura geral do método em seus aspectos educativos identificados:



1. Grupo como lugar educativo – “Escola do viver”; 2. Uma certa definição de experiência (se aprende a apreender algo daquilo que se vive); 3. Formação da pessoa; 4. Cultura como cultivo

(além do HD). A primeira categoria representa as falas que evidenciam o GCSM como um lugar específico em que se aprende uma determinada forma de olhar a vida com mais qualidade e gosto, isto é, uma escola pelo aprendizado que se adquire pertencendo e respondendo à tarefa proposta pelos coordenadores. A segunda unidade de sentido que emergiu nas análises alude a um trabalho contínuo de entender e apreender o significado daquilo que se vive no cotidiano, uma definição precisa de “fazer experiência” que perpassa todos os relatos. A terceira categoria explicita uma consequência identificada a partir das participações sistemáticas: uma nova concepção de si mesmo perante a realidade. Por fim, a última categoria se relaciona a uma dimensão comunitária da pessoa enquanto cultura, cultivo, ou seja, como trabalho de si empenhado com o cuidado dos relacionamentos que definem qualquer comunidade propriamente humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que, partindo da compreensão e discussão aprofundadas dos aspectos educativos inerentes à proposta do GCSM, sejam vislumbradas novas estratégias para o enfrentamento dos desafios apontados na literatura recente: solidão e isolamento, ansiedade, depressão, suicídio, automutilação. Visa-se considerar a necessidade emergente de superar intervenções estritamente individuais, ampliando o repertório de propostas possíveis de serem implementadas em contextos da educação formal e não formal do nosso país. Diferentes autores dão consistência à perspectiva de caminho educativo reconhecida durante análises e resultados, ampliando diálogos e abrindo novas frentes de estudo.

REFERÊNCIAS

AKCA, Selen Ozakar; YUCUN, Ahmet; AYDIN, Zehra. Mental status and suicide probability of young people: A cross-sectional study. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 64, n. 1, p. 32-40, 2018. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/e34d/eeafc59979224b4d55c0b300e119ff2e98c0.pdf?_ga=2.93724189.1452887833.1597858207-1626369856.1597858207. Acesso em 19 ago. 2020.

ALES BELLO, Ângela. **Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica**. Tradução de A. Angonese. Bauru/SP: EDUSC, 1998.

_____. **A fenomenologia do ser humano**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

_____. A Antropologia Fenomenológica de Edith Stein. **Revista Lumen**, São Paulo, v. 15, n. 37, p. 12-22, 2009.

_____. **Pessoa e Comunidade**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

AMATUZZI, Mauro M Martins. (2001). **Por uma Psicologia Humana**. Campinas: Alínea.

ARENDT, Hannah. (1958). **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

_____. (1954). **Entre o passado e o futuro**. 8. ed. 1ª reimpressão (2019). São Paulo: Editora Perspectiva Ltda, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

. Acesso em 17 nov. 2021.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943. Brasília, DF, 2000. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10097.htm>. Acesso em: 16 nov. 2021.

GIORGI, Amedeu; SOUSA, Daniel. **Método fenomenológico de investigação em psicologia**. Lisboa: Fim de século, 2010.

HAN, Byung-Chul. (2010). **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampl. 6ª reimpressão (2020). Petrópolis: Vozes, 2017a.

_____. (2012). **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.

_____. (2013). **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

Holanda, Adriano Furtado. Pesquisa Fenomenológica e Psicologia Eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: Bruns, M. A. T. & Holanda, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2003.

HUSSERL, Edmund. (1913). **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Tradução de M. Suzuki. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006.

_____. (1907). **A Idéia da fenomenologia**. Tradução de A. Mourão. Lisboa: Edições 70, 2008.

MINARÉ. Nathália Fernandes. A participação regular continuada e as relações desenvolvidas com o Grupo Comunitário de Saúde Mental. 2021. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Folha Informativa: Suicídio**. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 20 ago. 2020.

PEREIRA, Camila Corrêa Matias; BOTTI, Nadja Cristianne Lappann. O suicídio na comunicação das redes sociais virtuais: Revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 17, p. 17-24, jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0179>. Acesso em: 19 ago. 2020.

PINHEIRO, Bruna Cardoso; ISHARA, Sergio; CARDOSO, Carmen Lúcia. Grupo Comunitário de Saúde Mental: centralidade da pessoa humana no processo de formação profissional. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 98, n. 2, p. 120-131, maio 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/154025>. Acesso em 19 ago. 2020.

ROCHA, Rita Martins Godoy. **Análise compreensiva de uma nova modalidade de trabalho em saúde: o Grupo Comunitário de Saúde Mental**. 2015. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2015.

ROCHA, Rita Martins Godoy; CARDOSO, Carmen Lúcia. A experiência fenomenológica e o trabalho em grupo na saúde mental. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100245. Acesso em 19 ago. 2020.

SEVERIANO, Ana Paula; LOPES, Danilo Eiji; ROCHA, Giselle; ALENCAR, Renata. Educação para a vida. In: Centro de Estudos e Pesquisas em educação, cultura e ação comunitária (CENPEC). (Org.). **Projeto de vida (manual do professor)**. São Paulo: Moderna, 2020. Disponível em <https://en.calameo.com/read/0028993274f548dcf83be?authid=wATZggLKY5Y6> < >. Acesso em 18 nov. 2021. *E-book*.

SILVA, Aline Conceição; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: Revisão integrativa da literatura. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Porto, n. 18, p. 67-76, dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpesm/n18/n18a10.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

STEIN, Edith. (1917). **Il problema dell'empatia**. 2. ed. Tradução de E. Costantini; E. Schulze Costantini. Roma: Studium, 1998.

_____. (1932-33). **La struttura della persona umana**. Tradução de M. D'Ambra. Roma: Città Nuova, 2000.

VALVERDE, Benedita Salete Costa Lima; VITALLE, Maria Sylvia de Souza; SAMPAIO, Isa de Pádua Cintra; SCHOEN, Teresa Helena. Levantamento de problemas comportamentais/emocionais em um ambulatório para adolescentes. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 53, p. 315-323, set-dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v22n53/03.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2020.